

## PROJETO CINE PATRIMONIAL: construindo alternativas de diálogos entre museus e comunidades na Paraíba

## PATRIMONIAL FILM PROJECT: building dialogue alternatives between museums and communities in Paraíba

Ana Carolina Monteiro Paiva - UFCG<sup>1</sup>  
Rozeane Albuquerque Lima - UFPE<sup>2</sup>

### RESUMO

Este artigo é um relato de experiências do projeto de extensão Cine Patrimonial, que ocorreu no Museu de Arte Assis Chateaubriand (MAAC), pertencente à Fundação Universidade Regional do Nordeste (FURNE), entre novembro de 2014 e dezembro de 2015. O objetivo principal do projeto era aproximar a comunidade do museu promovendo debates sobre cultura e patrimônio. Aportando-nos de conceitos e metodologias usadas na Educação Patrimonial, notadamente em Maria de Lourdes Parreiras Horta, e de noções de cultura que nos aproximaram de Bronislaw Malinowski e Clifford Geertz. Realizamos dez sessões do Cine, das quais cinco ocorreram no espaço do próprio museu e as outras cinco foram itinerantes, levando o debate para além dos espaços da cidade de Campina Grande - PB. O Cine atingiu um público que chegou a ter mais de 80 pessoas em algumas sessões, atingindo os resultados almejados: levar a comunidade para conhecer o museu e trocar ideias sobre patrimônio, cultura e preservação.

**Palavras-chave:** Cine Patrimonial; Educação Patrimonial; Cultura; Comunidade.

### ABSTRACT

This article is an account of experiences of the Cine Patrimonial extension project, which took place at the Assis Chateaubriand Art Museum (MAAC) of the Regional University of the Northeast (FURNE), between November 2014 and December 2015. The main objective was to bring the community closer to the museum, promoting debates on culture and heritage. Taking into account concepts and methodologies used in Patrimonial Education, notably in Maria de Lourdes Parreiras Horta, and also using notions of culture that brought us closer to Bronislaw Malinowski and Clifford Geertz, we conducted ten sessions of the Cinema in which five occurred in the space of the Museum itself, and another five were Itinerant, taking the debate beyond the spaces of the city of Campina Grande - PB. The Cine reached a larger, reaching more than 80 people in some sessions, and achieved the desired results: take the community to get to know the Museum and exchange ideas about heritage, culture and preservation.

**Keywords:** Cine Patrimonial; Patrimonial Education; Culture; Community.

DOI: 10.21920/recci72018410129139

<http://dx.doi.org/10.21920/recci72018410129139>

<sup>1</sup>Graduanda em História Universidade Federal de Campina Grande - UFCG. E-mail: [anacarolina.mont@hotmail.com](mailto:anacarolina.mont@hotmail.com)

<sup>2</sup>Doutoranda pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. E-mail: [rozeanelima@gmail.com](mailto:rozeanelima@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

Este artigo se propõe a fazer um relato da experiência do Cine Patrimonial, projeto de extensão apoiado pelo Museu de Artes Assis Chateaubriand (MAAC) da Fundação Universidade Regional do Nordeste, que ocorreu no ano de 2015 e teve por objetivo interagir com as comunidades por onde ele passava levando debates sobre patrimônio tendo por eixo norteador as discussões sobre Educação Patrimonial.

Por Educação Patrimonial compreendemos “Um instrumento de ‘alfabetização cultural’ que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido” (HORTA, 1999, s/p). O conceito foi vivenciado na prática ao longo do projeto, tanto no momento de sua elaboração, quanto de sua execução. Para tanto foram pensadas as rodas de conversa e/ou debates logo após a exibição dos filmes selecionados nas quais solicitávamos aos debatedores que abordassem, dentre as questões que eles acreditavam pertinentes, os eixos norteadores do próprio projeto: patrimônio, cultura e memória. Com esses diálogos era possível ampliar, fortalecer ou modificar a leitura de mundo dos que deles participavam, oferecendo subsídios que os faziam repensar seus papéis na sociedade e no tempo/espço em que viviam.

Ao longo dos cines os participantes eram estimulados a um diálogo permanente para “facilitar a comunicação e a interação entre as comunidades e os agentes responsáveis pela preservação e estudo dos bens culturais, possibilitando a troca de conhecimentos e a formação de parcerias para a proteção e valorização desses bens” (HORTA, 1999, s/p). O Cine tinha também um propósito de levar “ao reforço da autoestima dos indivíduos e comunidades e à valorização da cultural brasileira, compreendida como múltipla e plural” (HORTA, 1999, s/p). O sentimento de pertença a um dado grupo, a alteridade, o respeito aos diferentes grupos e as interações entre estes eram debatidas a partir do vídeo selecionado para a sessão e reforçadas a partir da compreensão e do maior conhecimento das diversas comunidades, seus valores, suas histórias, suas culturas, seus modos de viver.

Ao esboçar o projeto do Cine Patrimonial, um conceito que foi bastante discutido e que também norteou os nossos trabalhos foi o de cultura. Aportamos-nos nas reflexões de dois autores: o primeiro foi o antropólogo polonês Bronislaw Malinowski, considerado o fundador da Escola Funcionalista da Antropologia. Ele entende a cultura enquanto um todo que só é capaz de ser compreendido a partir do seu funcionamento. Hábitos, crenças, costumes e técnicas são partes que compõem a cultura e os seus elementos culturais só são passíveis de ser compreendidos em um contexto (MALINOWSKI, 1970). Ao longo dos debates tentamos vivenciar a cultura como algo que não é desprendido da vida política, da vida social, do cotidiano de cada comunidade estudada. Ao debatermos as estradas de ferro, por exemplo, saímos do contexto da cidade de Campina Grande para compreender uma conjuntura político-econômica nacional e internacional que permitiu que ela fosse construída e que tivesse um papel alavancador do crescimento de algumas cidades do interior do país, dentre elas Campina Grande. Dialogamos também sobre como estas estradas de ferro influenciaram não apenas no cenário político e econômico, mas também no cultural, permitindo trocas de informações e maior aproximação das pessoas.

Também nos aportamos no conceito de cultura de Clifford Geertz, aqui sistematizado por Marília Gomes de Carvalho. Para ela Geertz define cultura como um conjunto de mecanismos mentais que controlam e orientam o comportamento das pessoas em sociedade. A cultura é constituída de símbolos que dão significado à vida humana (CARVALHO, 1997). Estudar a cultura através de símbolos é algo que se aproxima muito da proposta de estudar as comunidades através da educação patrimonial. Estes símbolos estiveram presentes ao longo de

praticamente todas as sessões propostas, quer discutindo o maracatu (com suas alfaias, agogôs e suas vestimentas), quer discutindo o processo de envelhecimento nas várias comunidades (com a simbologia da velhice, muitas vezes com estereótipos que engessam a identidade do idoso os quais tentamos desconstruir ao longo do debate), quer discutindo a história do cinema em Campina Grande (onde se destacaram os principais prédios, as telas, os tapetes vermelhos e tantos elementos que faziam parte daquele cenário de época).

No que se refere ao projeto Cine Patrimonial, este foi pensado durante os encontros nas oficinas de Educação Patrimonial, promovidas pelo Museu de Arte Assis Chateaubriand – MAAC/FURNE, dentro do programa de preservação de acervos 2010/2011 do BNDES. As inquietações para o projeto partiram da percepção de uma lacuna no diálogo entre a comunidade e a concepção de patrimônio.

Abrimos aqui um parágrafo para discutir um pouco do que compreendemos por patrimônio: Os debates sobre patrimônio surgiram na esfera do direito de propriedade e estavam ligados diretamente aos debates sobre herança familiar em Roma. Com a difusão do cristianismo na Idade Média e a valorização de alguns objetos, dentre eles santos e relíquias, tivemos este conceito alargado, abrangendo, agora, a valorização de lugares, objetos e rituais sagrados. No Renascimento, os valores do humanismo se opuseram ao teocentrismo da Idade Média e se iniciou um debate sobre a formação dos Estados Nacionais que abrangia as discussões sobre língua, cultura, origem e território. A construção de uma cultura nacional era permeada pela construção de um patrimônio nacional. Formou-se então o conceito de patrimônio como tudo que exaltasse a nacionalidade. Para a proteção e preservação deste patrimônio foram criados órgãos governamentais e museus, além de legislação específica e foram chamados profissionais para auxiliar nessa tarefa: arquitetos, antropólogos, historiadores, dentre outros. A partir da segunda metade do século XX o conceito de patrimônio foi ampliado e começou a abranger a proteção ao ambiente e grupos sociais e locais. Este conceito foi ainda redimensionado, influenciado pela ampliação do e no reconhecimento e valorização da diversidade cultural (HORTA, 1999) “A noção de preservação, não mais restrita à salvaguarda de elementos móveis e imóveis, passou a incorporar o conjunto de bens culturais, de natureza imaterial, que se repetem e se perpetuam, caracterizando a identidade de um povo” (HORTA, 1999, p. 12).

A distância entre comunidade e patrimônio, junto com a preocupação em promover alguma atividade que pudesse conectar um ao outro deu origem ao projeto que nasceu com o objetivo de estimular o diálogo entre as várias noções de patrimônio – histórico, cultural, natural, material, imaterial – utilizando, na primeira fase, o próprio espaço do Museu de Arte Assis Chateaubriand para articular e aproximar a comunidade a participar dos debates sobre temáticas regionais e nacionais. Isto porque o próprio espaço e história do Museu de Arte Assis Chateaubriand incentiva o teor do projeto.

O Museu foi inaugurado em 1967 e instalado em um prédio histórico construído em 1924 para abrigar a primeira escola estadual de Campina Grande, o Grupo Escolar Sólon de Lucena. Sua localização foi transferida para muitos prédios, até que em 2007 regressou definitivamente para a primeira instalação, onde continua vigente até os dias de hoje. Fruto da Campanha Nacional dos Museus Regionais idealizada por Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira, um jornalista e empresário paraibano de destaque no âmbito cultural, o MAAC possui um acervo rico que também conta com doações, promove cursos de música, oficinas para capacitação e eventos artísticos, procurando da abranger não apenas a cidade de Campina Grande, mas as regiões vizinhas e turistas com o espaço do museu, um espaço aberto, público e convidativo para diálogo, aprendizado, experiência, socialização e transformação.

Acreditamos na potencialidade do projeto Cine Patrimonial: pensado dentro de um espaço dinâmico como o MAAC, que valoriza a memória coletiva, aqui pensada a partir de

Maurice Halbwachs, estabelecendo a relação entre as nossas representações do mundo e as interações sociais. A memória individual se conecta com a memória coletiva para compreender o mundo, para representar o mundo, inclusive o passado, para selecionar os referenciais de uma dada comunidade, de um dado tempo, de um dado espaço. O que pensamos como sentimentos, valores e pensamentos individuais são, na verdade, formados a partir dos referenciais de um grupo, da convivência no e com o grupo (HALBWACHS, 2006). Tentamos, assim, pensar os reconhecimentos regionais e nacionais e problematizar/reforçar as identidades e grupos sociais, por pessoas de lugares diferentes como a Pedagogia, a Antropologia, A Biologia, o Direito, a Agroecologia, História, dentre outros, mas com olhares que convergem para um mesmo propósito.

Para organizar o cronograma de edições, o planejamento foi feito, semestralmente, por Rozeane Lima, Fabiana Almeida (coordenadora do Setor Educativo – MAAC/FURNE) e Ana Carolina Monteiro (aluna da graduação em História UFCG). Essa também era a equipe de coordenação geral do projeto, a qual contou com a ajuda o Instituto Histórico de Campina Grande – IHCG que também prestou sua colaboração. O projeto ficou organizado de forma que os cinco primeiros cines foram realizados em Campina Grande, no Museu de Arte Assis Chateaubriand, e os outros cinco, a partir do mês de agosto, fizeram parte da segunda etapa do projeto, que passou a ser itinerante. Foram edições que aconteceram mensalmente e com temas escolhidos em sintonia com debates atuais. Uma vez definido o tema o próximo passo era convidar autoridades no assunto, geralmente duas, pertencentes a instituições distintas para compor uma mesa redonda. Ressaltamos a importância de dar espaço a palestrantes de instituições e áreas variadas para compor uma mesa interdisciplinar e/ou interinstitucional, enriquecendo as discussões. Estes convidados tinham a liberdade de escolher um vídeo com duração entre 30 e 40 minutos, podendo ser uma reportagem, entrevista, música, curta-metragem ou documentário produzido localmente, regionalmente ou nacionalmente sobre o tema em questão.

Após a definição de temas e convidados, tínhamos a divulgação. Esta era feita a partir da publicação de um cartaz oficial pelas redes sociais do Instituto Histórico de Campina Grande, Museu de Arte Assis Chateaubriand e parceiros colaboradores do projeto, além de impresso para colagem no MAAC, UEPB e UFCG. Contávamos também com reportagens e entrevistas realizadas por diferentes emissoras televisivas, o que muito contribuiu para a difusão e credibilidade do evento. Os compartilhamentos foram significativos, e resultaram em um bom e fiel público.

Na mesa redonda, junto com os dois convidados, também constava o mediador do cine, responsável por apresentar os palestrantes e mediar o debate, controlando o tempo e perguntas do público. Os mediadores geralmente eram alunos da graduação que estavam iniciando seus estudos ou pesquisadores da área, escolhidos de acordo com o tema. Assim, no dia, primeiramente eram exibidos os vídeos e depois se iniciavam as colocações dos convidados da mesa. Cada palestrante tinha cerca de 30 minutos para compor sua fala. Posteriormente, abria-se o espaço para dúvidas, perguntas e colocações do público. Dependendo da participação eram feitos blocos de três perguntas para os convidados comentarem. Vale ressaltar que, para controle do público, com vistas à futura divulgação do projeto através de e-mails e para facilitar entrega de certificados havia uma lista de presença. Por fim, as atividades do dia eram encerradas com a entrega dos certificados aos presentes e com o *coffee break*, que também permitia uma socialização entre o público e os convidados.

O primeiro Cine Patrimonial foi realizado no mês de novembro de 2014, com o tema Imagens de Campina Grande. Os convidados foram Maria Ida Steinmuller (presidente do IHCG) e o Prof. Ms. Bruno Gaudêncio (UEPB), com a mediação de Rozeane Lima (UEPB). Na ocasião foram exibidos documentários sobre a história de Campina Grande, produzidos

por Machado Bittencourt, um material único e importante sobre a história da cidade que levantou discussões sobre preservação, memória e história. O evento foi encerrado com o lançamento do livro *Inventário Lírico da Rainha da Borborema*, organizado pelos escritores Bruno Gaudêncio e José Edimilson Rodrigues.

Com um pequeno recesso, o Cine retomou em 2015, no mês de março, com a sessão *O trem de ferro em Campina Grande* e o advento de um novo espaço-tempo, desta vez com os convidados Prof. Dr. Gervácio Batista Aranha (UFCG) e Prof. Dr. Josemir Camilo Melo (sócio-fundador do IHCG), referências sobre a história da ferrovia em Campina Grande, e como mediadora a coordenadora do projeto, que também realiza pesquisas sobre ferrovias, Ana Carolina Monteiro (História/UFCG). Os professores discorreram sobre o tema a partir da exibição de um documentário produzido pela EPTV de Campinas para a comemoração da ferrovia na região.

No mês seguinte, em abril, o Cine também contou com convidados que falaram sobre Campina Grande: o cineasta e professor do curso de Arte e Mídia, Helton Paulino (UFCG) e o escritor e professor Bruno Gaudêncio (UEPB). O foco nesta sessão era a história dos cinemas de Campina Grande. Foi exibido um filme produzido pelo próprio Helton Paulino sobre os cinemas da cidade, com fotos e entrevistas. Contando com um público significativo e participação crescente, a resposta foi estimulante para o início do projeto.

O Cine chegou à sua quarta sessão em um momento oportuno. Nos dias 18 a 24 de maio de 2015 ocorreu a 13ª Semana Nacional de Museus: museus para uma sociedade sustentável, e o cine entrou na programação da semana com a sessão *A Lei da Água*. Para compor a mesa redonda foram convidados Igor Trigueiro (Coletivo Aguaceira) e Socorro Fernandes (Coletivo Aguaceira e APAN), tendo como mediador Cristian Costa (PRODEMA/UFPB). As discussões sobre desenvolvimento sustentável, história ambiental e recursos naturais foram muito proveitosas e estimulantes, principalmente pelo cenário à época de estiagens no Sudeste e Nordeste do país. O encerramento do evento ainda contou com uma apresentação da Orquestra Sinfônica da FURNE e a divulgação de uma sessão especial aberta deste Cine apenas para a exibição do documentário *A Lei da Água: novo código florestal*, que ocorreu em junho do mesmo ano.

Encerrando o primeiro semestre de atividades, o Cine Patrimonial, em sua quinta sessão, no mês de junho, alcançou o maior público com a sessão *Cordel: Patrimônio Cultural Brasileiro*, que ainda prestou uma homenagem ao cordelista Manoel Monteiro. Como palestrantes, o professor e historiador Itamar Sales e a professora e pesquisadora Socorro Moura Montenegro, referências no estudo de literatura de cordel, compuseram a mesa redonda, juntamente com o mediador Thiago Raposo (História/UEPB). Para abrir o Cine foi exibido um documentário local sobre a produção e legado de Manoel Monteiro, lembrado pela sua família que esteve presente no Cine e recebeu as homenagens e agradecimentos dos palestrantes e público.

Assim chegava ao fim o primeiro ciclo de exposições do Cine, que se mostrou positivo, ascendente em número de participantes a cada realização, proporcionando uma confiança do público que se manteve constante na maioria dos encontros. A resposta da comunidade sem dúvidas superou nossas expectativas iniciais, o que aumentou a responsabilidade da organização ao mesmo tempo em que suscitou a necessidade de estimular a troca de conhecimentos aproximando a comunidade. Esta continuava a ser a principal meta. Era preciso um deslocamento do projeto Cine Patrimonial, para ouvir e potencializar o caráter de transformação da proposta. Foi quando, a partir do mês de agosto, iniciou-se a segunda etapa do projeto, a itinerante.

Iniciando esta segunda fase, a sexta sessão do Cine Patrimonial aconteceu no mês de agosto, em Cubati - Paraíba. Com a temática *O envelhecer em várias perspectivas*, a mesa foi

formada pelo Professor Manoel Freire, da Universidade Aberta à Maturidade (UEPB), Professora Glauce Jácome, da ONG Maturidade Cidadã; e teve como mediador o Professor Silvano Fidelis, da Secretaria Municipal de Educação de Cubati. Com a participação de dois grupos locais da terceira idade, o público pôde conversar sobre os dilemas e compartilhar as experiências sobre a longevidade de histórias. Neste debate o envelhecimento foi evidenciado como um processo biológico, como uma fase da vida do ser humano, mas também como um processo histórico, cultural e social (LIMA, 2017). Foram pensadas as diferentes formas de envelhecer em várias sociedades e os papéis que os idosos ocupam em várias delas. Também foram discutidos os direitos dos Idosos à luz do Estatuto do Idoso e de outras legislações pertinentes. Os idosos e presentes foram estimulados a ter uma vida mais participativa na família e na sociedade.

No mês seguinte, em setembro, o sétimo Cine Narrativas, memórias e incorporação cotidiana da diversidade integrou a programação da 9ª Primavera dos Museus: Museus e memórias indígenas, sendo uma das atividades previstas na programação de Campina Grande. O encontro ocorreu no Museu de Arte Assis Chateaubriand – MAAC, e na mesa redonda, os antropólogos José Gabriel S. Corrêa e Mércia Rangel Batista da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais da UFCG utilizaram como ponto de partida a exibição de um filme para iniciar a conversa, que contou com a mediação da professora Rozeane Lima (substituindo a convidada Catarina Buriti, que não pôde comparecer). Nesta sessão os antropólogos convidados enfatizaram os conceitos de cultura a partir de Geertz e Malinowski, já discutidos anteriormente, fazendo um debate ilustrado a partir de várias comunidades e de suas diversidades.

Figura 1. Cartaz de divulgação: Cine Patrimonial, mês de Agosto (2015)



Fonte: Acervo pessoal da comissão organizadora

Figura 2. Cartaz de divulgação: Cine Patrimonial, mês de Setembro (2015)



Fonte: Acervo pessoal da comissão organizadora

Para o mês de outubro o oitavo Cine trouxe a discussão sobre o Semiárido para a Semana Nacional da Ciência e Tecnologia de 2015, Luz, ciência e vida, no qual estava inserido. Com a temática Convivendo com o Semiárido, os convidados Ana Paula Santos e João Moreira

Macêdo, do Instituto Nacional do Semiárido (INSA) foram mediados pelo professor Cristian Costa, da PRODEMA/UEPB. Realizado na sede da Universidade Aberta à Maturidade (UAMA/UEPB), o Cine contou com reflexões sobre as práticas do bem viver com o Semiárido quer em período de inverno regular, quer em período de estiagem. Conhecer para preservar e conhecer para respeitar foram as ideias trabalhadas ao longo do debate. Ressaltamos que este Cine contou com o maior público da fase itinerante, somando mais de 80 pessoas. Neste Cine o Semiárido foi trabalhado a partir da sua perspectiva de espaço plural, não apenas um semiárido, mas semiáridos, com uma diversidade de espaços, de povos, de culturas, de organizações sociais e políticas, cujos problemas e soluções têm que ser pensados nesta dimensão também plural e diversa (LIMA, 2016).

Figura 3. Cartaz de divulgação: Cine Patrimonial, mês de Outubro (2015)



Fonte: Acervo pessoal da comissão organizadora

Figura 4. Cartaz de divulgação: Cine Patrimonial, mês de Novembro (2015)



Fonte: Acervo pessoal da comissão organizadora

Fonte: Acervo pessoal da comissão organizadora

Caminhando para as últimas exhibições, o nono e penúltimo Cine Patrimonial, em novembro, nos levou ao encontro do ritmo, história e cultura do grupo de percussão Maracagrande e do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI) da Universidade

Estadual da Paraíba. Realizado na antiga Faculdade de Administração da Universidade Estadual da Paraíba, o cine *Arte e cultura nos acordes do Maracatu* reuniu as professoras doutoras Margareth Maria de Melo e Patrícia Cristina de A. Araújo, do NEABI/UEPB, e Thiago Barbosa, líder do grupo Maracagrande, e como mediador o graduando em História pela UEPB e também integrante do grupo Maracagrande, Lenaldo Silva. As professoras, o líder do grupo e também o mediador fizeram um debate pontuando o Maracatu como símbolo de resistência, mas também dialogando com diversidade, alteridade, respeito, e dialogando com o conceito de cultura popular a partir dos debates propostos por Albuquerque Júnior (2013) em seu livro *A Feira dos Mitos- A fabricação do Folclore e da Cultura Popular (Nordeste 1920-1950)*, estabelecendo as diferenças entre o Maracatu enquanto movimento de resistência e o quanto a fabricação da cultura popular nordestina tentou o absorver enquanto tal. Foi na Associação de Agricultores Familiares do Sítio Pai Domingos, em Lagoa Seca - Paraíba, que a décima edição do Cine Patrimonial encerrou o ciclo itinerante em dezembro, com o tema *Saberes da terra, sabores da memória: costurando diálogos entre soberania alimentar, agroecologia, recursos hídricos e consumo*. Para iniciar a conversa com o público local, a mesa redonda foi formada por Shirleyde Santos, do NERA/UEPB, por Rozeane Lima (PPGH-UFPE), Cristian Costa do Instituto Federal de Alagoas (IFAL), Glauce Jácome da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), e Fabiano Badú (PPGH-UFPE) como mediador. Os debatedores dialogaram a partir dos preceitos da memória coletiva apresentada por Halbwachs, provocando o público a se manifestar sobre hábitos alimentares a partir da década de 1960 e suas mudanças nos dias atuais. Os participantes também foram estimulados a falar sobre o uso e acesso à água ao longo das décadas. Depois de seus depoimentos eles foram convidados a refletir sobre o consumo, sobre a vulnerabilidade do consumidor frente à mídia e sobre o que foi positivo e/ou negativo nessas mudanças ao longo das décadas. E foi nessa atmosfera de uma conversa aberta e sincera sobre patrimônio, memória, cultura, história e alimentação e, sobretudo, sobre as experiências coletivas que a segunda etapa itinerante do Cine Patrimonial trouxe, que o projeto como um todo caminhou para sua conclusão.

Figura 7. Público durante o VIII Cine, realizado na Universidade Aberta à Maturidade (2015).

Figura 8. Público ao final do IX Cine, realizado no antigo prédio da Universidade Estadual da Paraíba (2015).



Fonte: Acervo pessoal da comissão organizadora



Fonte: Acervo pessoal da comissão organizadora

Mesmo sendo um final de ciclo, acreditamos que o cine pode ter atuado como um primeiro momento para reunir pessoas em torno de uma mesma causa, de interesses e de

sonhos em comum, funcionando como um impulsionador – uma via – de futuras ações educativas que visem o universo do museu, da memória e do patrimônio brasileiro.

O projeto Cine Patrimonial, no seu fim cumpriu com os objetivos a que se propôs, pois tentamos ouvir as necessidades dentro do Museu de Arte Assis Chateaubriand como também transitamos para ouvir as ânsias locais. Unimos diferentes pessoas, instituições e campos de saber em torno de discussões propostas, sempre tendo por foco o debate sobre patrimônio, sempre tentando colaborar para a construção de um espaço que proporcionasse a visibilidade, audibilidade e dizibilidade dos temas propostos, que proporcionasse a maior interação das comunidades por onde o cine passou com os espaços dos museus, e que contribuísse com informação e conhecimento dos e sobre os diversos tipos de patrimônio para, a partir desse passo, ter uma maior consciência da necessidade de preservação destes mesmos.

Os instrumentos utilizados, quais sejam as listas de presença e conversas com outros organizadores de cines em Campina Grande, não nos permitem afirmar que o Cine Patrimonial foi um sucesso, mas nos permitem dizer que tivemos um público médio superior aos demais cines propostos e que plantamos uma semente no debate sobre patrimônio, memória e cultura por onde passamos.

Ao fim de todo projeto agradecemos ao público que se fez presente e que caminhou conosco durante esta empreitada, ao Instituto Histórico de Campina Grande, Museu de Arte Assis Chateaubriand, Programa de Educação Tutorial de História – UFCG, à ONG Maturidade Cidadã, à Universidade Aberta à Maturidade, à Universidade Estadual da Paraíba, à Secretaria Municipal de Cubati, ao Instituto Nacional do Semiárido, à Fundação Universitária de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão (FURNE) e aos demais colaboradores e trabalhadores que se fizeram presente na divulgação e apoio nas muitas sessões.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **A Feira dos Mitos - A fabricação do Folclore e da Cultura Popular (Nordeste 1920-1950)**. São Paulo: Intermeios, 2013.

CARVALHO, Marília Gomes. Antropologia e Culturas Organizacionais. **Revista Educação & Tecnologia**, Curitiba, n. 2, 1997. ISSN 2179-6122. Disponível em: <<http://revistas.utfpr.edu.br/pb/index.php/revedutec-ct/article/viewFile/1025/623>> Acesso em: 18 jun. 2017

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.

ITER. Disponível em: <<https://www.dicionariodelatim.com.br/iter/>> Acesso em: 14 Jun. 2017

ITINERANTE. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio Século XXI Escolar**. 4. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. P 404.

ITINERANTE. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/itinerante/>> Acesso em: 14 Jun. 2017.

LIMA, R. A. ; COSTA, C. J. S.; VASCONCELOS. A. SEMIÁRIDO, SEMIÁRIDOS- A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO COMO SUBSÍDIO PARA AÇÕES QUE ESTIMULEM PRESERVAÇÃO E RESPEITO, *In: Educação Ambiental em Ação*, N.58, Ano XV, 2016. Disponível em: <http://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=2565>. Acesso em: 02/11/2017.

LIMA, R. A.; OLIVEIRA NETO, M. F.; SILVA, H. X. **Universidade Aberta à Maturidade - UEPB**: Oito anos de educação inclusiva e transformadora. Campina Grande, EDUEPB, 2017.

MALINOWSKI, B. **Uma teoria científica da cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

Figura 1. Cartaz de divulgação: Cine Patrimonial, mês de Agosto (2015). Fonte: Acervo pessoal da comissão organizadora.

Figura 2. Cartaz de divulgação: Cine Patrimonial, mês de Setembro (2015). Fonte: Acervo pessoal da comissão organizadora.

Figura 1. Cartaz de divulgação: Cine Patrimonial, mês de Outubro (2015). Fonte: Acervo pessoal da comissão organizadora.

Figura 4. Cartaz de divulgação: Cine Patrimonial, mês de Novembro (2015). Fonte: Acervo pessoal da comissão organizadora.

Figura 5. Cartaz de divulgação: Cine Patrimonial, mês de Dezembro (2015). Fonte: Acervo pessoal da comissão organizadora.

Figura 6. Público durante o X Cine, realizado na Associação dos Agricultores, em Lagoa Seca (2015). Fonte: Acervo pessoal da comissão organizadora.

Figura 7. Público durante o VIII Cine, realizado na Universidade Aberta à Maturidade (2015). Fonte: Acervo pessoal da comissão organizadora.

Figura 8. Público ao final do IX Cine, realizado no antigo prédio da Universidade Estadual da Paraíba (2015). Fonte: Acervo pessoal da comissão organizadora.

**Submetido em:** Junho de 2017

**Aprovado em:** Novembro de 2017